

RENÚNCIA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A mensagem do sr. Jânio Quadros deixa-nos entregues a meditações carregadas de paradoxos. Avaliamos melhor a grandeza e a nobreza do candidato no momento em que o perdemos, admiramos a renúncia desejando a renúncia da renúncia, e não sabemos bem aquilatar onde estará o máximo proveito do país, se na volta de tão grande candidato ou se no construtivo exemplo posto aos olhos de todos, exemplo de independência e de capacidade de renúncia. A mim me parece, às vezes, que o segundo bem prevalece sobre o primeiro, e que é me-

lhor para todos o exemplo catalizador que devolva aos céticos um pouco de gosto pela grandeza e pela nobreza. Vivemos dias tristes em que os melhores não creem em melhores, e sem chegarem a roubar abertamente, sem chegarem a meter a mão na pecúnia dos pobres (como se faz escandalosamente na Legião Brasileira de Assistência, e no resto do país), exercem os cargos com a preocupação do próprio interesse, do próprio prestígio, dentro de um quadro convencional de relativa honestidade. Falta espírito público, e a principal qualidade dessa qualidade é justamente a que purifica as raízes do amor próprio, a que exercita na alma o esquecimento de si mesmo, em favor da coisa pública, que é o sagrado pseudônimo da inumerável legião de homens, mulheres, crianças, velhos, pobres, doentes, humildes que esperam de nós, sim de nós os fidalgos desta república, um pouco de despreendimento, um pouco de renúncia. Sem espírito de renúncia pode-se fazer nacionalismo, desenvolvimentismo ou lá que nomes dêem a outras novidades que apareçam, mas não se pode fazer o bem, sim o bem, sob as espécies do bom governo. O governante vaidoso é uma calamidade pública, e se além de vaidoso é tolo, como são os que temos hoje nas cúpulas, a calamidade ganha dimensões de catástrofe. Esses homens governam mal, empreendem obras estúpidas e não fazem as necessárias, estragam a moeda, põem a discórdia entre as classes, mas o maior mal que causam ao país ainda é de natureza espiritual: eles espalham a descrença, eles fazem constar que todos somos do mesmo quilate, e que até o modesto escriba está sorriando com as galas de algum ministério. É bom que nessa atmosfera caia um raio que descarregue a tensão, que desfaça o gás da desconfiança metafísica no homem e na política, que desperte os homens para desejos de homens melhores. Nesse sentido a renúncia do sr. Jânio Quadros será melhor para nós do que o seu governo, se é verdade que mesmo entre os seus adeptos corria a lenda de uma esperteza parecida com a do sr. Alkmin, e uma ambição grosseira como a do sr. Goulart. Queiramos Jânio para provar que ainda há homens fora dos círculos espantosamente medíocres em que se agitam personagens que querem furiosamente ser presidente, ser deputado, ser vereador. Por mim, peço a Deus que proteja esta terra infeliz e que nos dê um presidente que não queira ser presidente, um candidato que dê sinais visíveis, claros, irrefutáveis, de sua independência e de seu despreendimento. No momento, o único que vejo com tais qualidades, cu pelo meros com tal evidência delas, é o próprio sr. Jânio Quadros.